

institucionais? Em síntese: continuamos a ser filólogos?

Várias perguntas, portanto, talvez retóricas, porque creio adivinhar algumas respostas que Darío Villanueva poderá dar-lhes – e que de certa forma já deixa enunciadas em *De los trabajos y los días*. Fê-lo num tom pessoal, com elegância e sem incorrer no registo intimista que imporia uma deriva egocêntrica. E também como intelectual consequente, incutindo à análise dos temas, dos textos, das correntes e das instituições aquela articulada combinação da teoria com a crítica, com a epistemologia e com a ética que, por junto, desenham o rosto e a identidade de uma personalidade marcante.

*Carlos Reis*

<https://orcid.org/0000-0001-6492-3486>

[https://doi.org/10.14195/2183-847X\\_12\\_17](https://doi.org/10.14195/2183-847X_12_17)

**JOSÉ SARAMAGO: A ESCRITA INFINITA**

**CARLOS NOGUEIRA (ORG.)**

**Lisboa: Tinta da China, 2022**

**397 páginas, ISBN 978989671659-2**

Dar a conhecer a obra de José Saramago é um ato de civilização. O centenário do nascimento de um escritor é um acontecimento relevante, principalmente quando diz respeito a um autor agraciado com o mais importante galardão, o Nobel da Literatura.

Festejar o centenário do autor de *Memorial do Convento* é lembrar o homem e a obra, o homem na obra e a

obra no homem. Saramago é um grande criador de espaços e de intimidades, de histórias e de personagens que continuam vivas devido à sua expressividade e ao alcance universal dos seus comportamentos, gestos e atitudes.

Saramago é um escritor onde cabe inteira a noção da literatura como manifestação última da língua. Os temas dos seus livros habitam por inteiro as preocupações da sociedade atual, jamais perdendo vitalidade ou força, ultrapassando os limites da língua portuguesa, indo, assim, até aos limites de todas as línguas do mundo, ocupando o espaço dos imorredouros. O criador de personagens como Blimunda, a mulher do médico, Baltasar, os “Mau-Tempo” e outras tantas “pessoas de livro” perence, pois, ao rol dos “clássicos”, na medida em que os seus livros e as suas criaturas nunca acabam de dizer o que têm para dizer, Calvino *dixit*.

O volume organizado por Carlos Nogueira, mentor da primeira cátedra José Saramago em Portugal e autor de diversa e basta reflexão saramaguiana, é a prova do vigor da escrita sem fim do nosso Nobel. O livro contém 21 textos que representam cerca de metade das comunicações apresentadas durante a “V Conferência Internacional José Saramago da Universidade de Vigo. ‘Escrevo para compreender’”, entre os dias 18 e 21 de dezembro de 2020, na sede do Museu da Imprensa, no Porto.

Como escreve Carlos Nogueira no Prefácio, “a arte literária de José Saramago gera experiências de deslum-

bramento” (p. 12). Essas experiências de leitura e de reflexão estão presentes em todos os textos selecionados neste volume. Não só estamos perante uma seleção eclética de investigadores saramaguianos, desde a sua formação académica, passando pela sua proveniência, até à aproximação de gerações distintas, como também os textos abordam diferentes perspetivas de um autor que efetivamente tem uma “escrita infinita”.

A escolha do organizador do volume em fixar, no Prefácio, a sua atenção, por um lado, em *O conto da Ilha Desconhecida* e, por outro, no “encontro pessoal e (in)transmissível entre cada um dos autores e José Saramago” (p. 15), revela-nos a plasticidade de um escritor que, mesmo em narrativas breves, consegue exprimir todo um universo de ideias e formas de (re)agir e observar um mundo que é mau e injusto, mas que tem em si todo o potencial de transformação. Ao colocar o ónus deste volume não numa única linha temática, mas antes na relação, nas suas múltiplas aceções, dos autores com o escritor homenageado, Carlos Nogueira apresenta-nos um Prefácio que escapa aos moldes clássicos e muitas vezes fastidiosos que induzem o leitor a fechar o livro ou a saltar este paratexto. Todos e cada um dos 21 textos são fruto de uma relação íntima dos leitores com os títulos selecionados. A universalidade de uma obra é, pois, ao mesmo tempo, a sua relação íntima, pessoal e intransmissível com a história de cada

um dos seus leitores. É nessa intimidade que surge o paradoxo e o fenómeno da grandeza de Saramago, uma vez que todas estas leituras são fruto de uma investigação e reflexão que se quer coletiva e que se renova a cada leitura. O que une a individualidade de cada leitura e análise destes textos é, então, a forma como essa relação íntima se torna universal. Uma multidão de leituras íntimas e pessoais.

Escutamos e lemos que a sociedade atual é consumidora de pensamento e não produtora de ideias. Este volume vem contradizer essa noção, ao demonstrar como é possível existir uma sociedade ao mesmo tempo consumidora e produtora de pensamento, coabitando num mesmo espaço a consciência cívica ativa, a sensibilidade estética e a ação.

É, aliás, por haver produtores de pensamento, como José Saramago, que temos ao mesmo tempo leitores consumidores das suas ideias, leitores e críticos, amadores, portanto, e também pensadores daquilo que é o legado de um escritor que desassossega e atrai “pela largueza e pela profundidade da visão” (p. 12).

Ao invés de termos uma obra que segue um eixo temático fixo e fechado, deparamo-nos com um livro que, ao adotar como subtítulo “a escrita infinita”, se abre a todas as possibilidades, aceitando-as da mesma forma que também as exclui, tal é a força e o poder de um clássico. A escrita infinita é a de um livro ou de um autor que constante-

mente se aproxima da crítica e a afasta. A escrita infinita é a escrita que nunca esgota o fulgor da sua mensagem, daquilo que tem para dizer.

Deste modo, a escrita de Saramago pode guiar-nos durante pandemias e cegueiras, como fica explícito no texto de Miguel Koleff (pp. 65-66), ao mesmo tempo que nos alerta para o adormecimento da sociedade ocidental desde as primeiras décadas do século XX até ao tempo presente, como refletem Vera Lopes da Silva (pp. 26-28), Fabrizio Uechi (pp. 51-55), Bárbara Lobo (pp. 253-255) e Diego Martín (pp. 286-287), entre outros. O elogio da cidadania ativa, consciente e empenhada espelha-se para além dos romances *Ensaio sobre a cegueira* ou *Ensaio sobre a lucidez*, estando presente em todas as obras de Saramago, como fica explícito na análise d’*O conto da Ilha Desconhecida* de Maria Sales e Paulo Cardoso (pp. 143-144), de José Eduardo Reis (p. 157) e de Maria Leonor Castro, sendo que esta última investigadora refere-se ao conto como o lugar da “cartografia do homem” (p. 169), uma vez que a literatura é sinónimo de viagem e o homem surge como a metáfora do viajante, daquele que anda em busca, à procura de um sentido, ou de uma utopia, podendo o barco ser um “espaço/lugar vital e simbólico para esta cartografia do Homem, (...) utopia humanista da criação de uma nova sociedade” (p. 177).

O iberismo é também um tema que acolhe atenção no texto “Globalisation,

Literature and an Iberian ‘Stone Raft’”, de Manuel Frias Martins. A partir de *A Jangada de Pedra*, o ensaísta fala-nos de uma visão democrática e cosmopolita em que Portugal e Espanha se reveem numa Europa a braços com a “post-imperial, post-colonial and democratic era” (p. 110), quando o potencial pode estar na sua vocação para o Atlântico e para o Sul.

Não diretamente relacionado com o iberismo, mas sim com a língua castelhana, é o texto de Fernando Venâncio que analisa de forma aturada o modo como a escrita de Saramago sofreu alguma “*castelhanização*” (pp. 365, 368-369).

A escrita infinita de Saramago é também a escrita do inacabado, daquilo que ficou por escrever, mas que lança a semente que segue a continuidade de um trabalho inesgotável, como escreve Maria de Lourdes Pereira no seu texto (pp. 325-327).

Num volume com tantos e diversos temas, textos e autores, fica realçada a ideia de Saramago como um escritor comprometido com o tempo que vai para além daquele que lhe foi permitido viver. A sua escrita e as suas personagens são, pois, transformadoras do mundo, ou talvez tenham ajudado a perceber a realidade a partir de uma outra perspetiva. A história da leitura e da literatura faz-se, portanto, com as histórias de José Saramago, com a ficção e a realidade, o passado e o presente e os seus diversos poderes de opressão e libertação.

Importância integradora para este volume é ainda a escolha da capa, de V. Tavares, em que encontramos uma imagem do escritor a linhas vermelhas, realçando não especificamente as suas orientações políticas, mas antes o fulgor e vivacidade de uma obra que se quer como tratado ético de uma humanidade em confronto consigo própria. Homem e autor confundem-se com a obra e com as personagens.

Ninguém nos pode tirar aquilo que sabemos de cor, escreveu George Steiner. O volume organizado por Carlos Nogueira é a compilação de várias vozes que sabem de cor excertos das obras saramaguianas, que conhecem os traços externos e inter-

nos das suas personagens. Como luxo necessário, a literatura, em geral, e a obra de José Saramago, em particular, são formas de iluminar, ainda que de maneira ténue, a escuridão que rodeia um mundo acossado por guerras, pandemias, desigualdades, fome, injustiça e morte. Em *José Saramago: a escrita infinita*, encontramos um conjunto de vozes que dizem de cor os mundos que nascem da escrita de um autor que constantemente viveu o seu tempo, de um escritor que vive o nosso tempo antes de todos nós.

*José Vieira*

<https://orcid.org/0000-0003-2117-9575>

[https://doi.org/10.14195/2183-847X\\_12\\_18](https://doi.org/10.14195/2183-847X_12_18)